

O processo semiótico da comunicação como estratificação e modelização

Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Amaro da Purificação, BA
regianemo@uol.com.br

Alexandre Rocha da SILVA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
arsrocha@gmail.com

Resumo

O processo semiótico da comunicação como estratificação e modelização tem por objetivo retomar fundamentos tanto da Semiótica da Cultura da Escola de Tartú-Moscú como da Semiologia de Hjelmslev, no que concerne à estratificação da linguagem, para pensar, respectivamente, as ambiências criadas pelos novos meios e os parâmetros de uma Semiótica Crítica, preocupada antes com questões políticas que linguísticas. Tal investimento nos conduziu à proposição de uma Semiótica Ecológica cujo objeto de estudo são as diferentes dimensões – econômicas, sociais, culturais, macro e micropolíticas – que compõem os processos de comunicação.

Palavras-chave: semiótica; cultura; estratificação da linguagem; modelização; semiosfera.

Introdução

Quando se pensa na relação entre Semiótica e Comunicação, é recorrente o entendimento da primeira como um método que permite apreender os sentidos produzidos pelas mensagens veiculadas nos mais variados meios de comunicação, independentemente do(s) código(s) utilizado(s), como a escrita verbal, a imagem ou o som. Em conformidade com essa perspectiva, enquanto à Comunicação caberia oferecer o objeto fenomênico a ser estudo, à Semiótica restaria propor o método a ser utilizado para a pesquisa. Com isso, no âmbito da pesquisa em Comunicação, a Semiótica exerceria uma função eminentemente instrumental, similar à *techné*, tal como ela foi definida pelos gregos, ou seja: um conjunto de regras que visa disciplinar os processos de interpretação de modo que, se aplicado corretamente, levaria ao alcance do objetivo pretendido.

Não há como não desconfiar deste forte viés hermenêutico que caracteriza tal compreensão, uma vez que ela pressupõe a existência de um sentido a ser desvelado por um sujeito que, de posse do instrumental necessário, seria capaz de imputar significado às coisas. Pode-se dizer que boa parte das críticas endereçadas à Semiótica decorre dessa compreensão

equivocada, uma vez que ela tende a restringir a linguagem a um mero veículo de transmissão por meio do qual algo é comunicado. Com isso, ao sujeito cognoscente restaria ter a competência (ou seja, ser conhecedor da *technè*) necessária para desvelar o que uma mensagem quer dizer.

Entretanto, entendemos que o projeto semiótico seja outro. Como teoria sistêmica, ele procura descrever os diferentes mecanismos tradutórios implicados nas relações comunicativas. Tais descrições não são antropocêntricas. Elas colocam em relação diferentes linguagens, as quais instituem inclusive o homem tal qual o podemos conhecer. Esta virada epistemológica de que a Semiótica faz parte nega os pressupostos acima referidos e instaura os desafios teórico-políticos enfrentados pelo Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação (GPSC) do Intercom há mais de vinte anos.

Assim, este artigo visa apontar alguns caminhos que têm pautado nosso debate nos últimos anos, a saber: a descrição dos *agenciamentos* que conformam a máquina pragmático-abstrata cujo funcionamento apresenta-se como objeto de estudos de uma Semiótica Crítica; o funcionamento semiótico da cultura tendo em vista a perspectiva epistemológica colocada pela Semiosfera; a construção de um problema propriamente semiótico de comunicação e, por fim, a reconfiguração das ambiências a partir da expansão dos meios.

Das *estratificações* aos *agenciamentos* maquínicos

O primeiro desafio deste artigo consiste em retomar a ideia hjelmsleviana (HJELMSLEV, 2009) de *estratificação* da linguagem para pensar os *agenciamentos* coletivos de enunciação e maquínicos do desejo que fazem da linguagem uma questão antes política que linguística (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Gilles Deleuze identificava Louis Hjelmslev como o príncipe espinosista da linguagem. Hjelmslev concebia a linguagem como dispositivo imanente graças ao qual "o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos" (HJELMSLEV, 2009, p. 1). Esse processo de modelização torna a linguagem "a base última e mais profunda da sociedade humana" (HJELMSLEV, 2009, p. 1). Logo, estudá-la significa compreender o modo como a própria sociedade humana se estrutura. A esse processo de estruturação da sociedade pela linguagem podemos denominar Comunicação. É sob esta perspectiva que a Semiótica estuda os processos comunicativos: eles são processos de linguagem que modelizam pensamento, sentimentos, vontades.

Esta noção é fundamental para que compreendamos o rompimento trazido pela Semiótica em relação às teorias tradicionais (anteriores a Saussure) que afirmavam que o signo seria a expressão de um conteúdo que lhe era exterior. Para a Semiótica, o signo é um todo formado por dois planos solidariamente articulados: o de *expressão* e o de *conteúdo*. Não há função semiótica sem a presença dos dois planos. Logo, é a função semiótica que, ao colocar os dois planos em relação, permite a comunicação.

Conforme Saussure

Considerado em si mesmo, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não há ideias preestabelecidas, e nada se distingue antes do aparecimento da língua... A substância fônica não é nem mais fixa nem mais rígida; não é um molde cujas formas o pensamento deva necessariamente tomar, mas sim uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas a fim de fornecer os significantes de que o pensamento necessita (SAUSSURE, 2006, p. 130).

Assim, para a Semiótica é a *forma* que estrutura a linguagem. "Numa ciência que evita qualquer postulado não necessário, nada autoriza que se faça preceder a língua pela *substância do conteúdo* (pensamento) ou pela *substância da expressão* (cadeia fônica)" (HJELMSLEV, 2009, p. 55). A *substância do conteúdo* é resultado da projeção de uma *forma* sobre a *matéria* do mundo, o que torna este mundo inteligível. O mesmo ocorre com a *substância da expressão*, esta, resultado da projeção da *forma* sobre a *matéria* expressiva (cadeia fônica, por exemplo). Em relação solidária, esses *planos* produzem o signo.

É sob tal perspectiva que se podem pensar as relações entre a Semiótica e as demais disciplinas. Cada disciplina enuncia seus saberes a partir de *formas* que lhes são próprias. A natureza da *forma* semiótica são as linguagens: formalizamos o mundo (semioticamente traduzido como *substância do conteúdo*) e formalizamos nossas materialidades expressivas (semioticamente traduzidas como *substância da expressão*) na forma de linguagem. Assim, todas as demais disciplinas podem se tornar matéria semiótica na exata medida em que as traduzimos como linguagem.

O mesmo ocorre com aquilo a que as teorias tradicionais chamavam de referente. Semioticamente, esse referente - ou o mundo extralinguístico - constitui a *substância do conteúdo* que, recortado pela *forma*, e, em uma segunda instância, articulado solidariamente com o *plano de expressão*, produzem signo e significação.

Todo este trabalho de múltiplas traduções no *plano do conteúdo* - (1) do mundo que se traduz em *substância do conteúdo*, (2) da *substância de conteúdo* que se dá a ver pela projeção da *forma* sobre a *matéria* (a *substância* é o resultado de tal projeção) -; e no *plano*

de expressão – (1) das materialidades que se traduzem em *substâncias da expressão*, (2) da *substância de expressão* que se dá a ver pela projeção da *forma* sobre a *matéria* expressiva (a *substância* aqui também é resultado de tal projeção) - adquirem estatuto comunicativo quando se produzem signos; estes, resultados das relações solidárias entre os dois *planos* (*expressão e conteúdo*).

Aqui, podemos então especular que o estudo de Comunicação, desde o ponto de vista semiótico, têm, pelo menos, dois desafios: (1) debruçar-se sobre os processos de *estratificação* da matéria formada tanto no *plano de expressão* quanto no de *conteúdo* e (2) compreender as relações que os signos formados solidariamente por esses *planos* mantêm com outros signos no universo da Semiosfera, ou seja, compreendê-los em um sistema mais amplo, compreendê-los como textos da cultura, conforme abordaremos posteriormente.

Retomando a questão da *estratificação*, agora sob a perspectiva espinosista aludida por Deleuze e Guattari (1995), seria possível conceber que o que é *expressão* em uma dada circunstância comunicativa transforma-se em *conteúdo* em outra situação. Tais permutações responderiam rigorosamente aos propósitos de uma Semiótica Crítica, cuja radicalidade implica reconhecer que

tudo pode participar da enunciação, tanto indivíduos quanto zonas do corpo, trajetórias semióticas ou máquinas ligadas em todas as direções. O agenciamento coletivo de enunciação une os fluxos semióticos, os fluxos materiais e os fluxos sociais, muito aquém da retomada que pode fazer dele um *corpus* linguístico ou uma metalinguagem teórica (GUATTARI, 1981, p. 178).

Tal perspectiva nos leva a um duplo deslocamento: das *estratificações* para *agenciamentos* e de uma Semiótica Linguística para uma Semiótica Crítica. Os *agenciamentos – coletivos de enunciação e maquímicos do desejo* – são compreendidos por Deleuze e Guattari como máquinas mais amplas que a Linguística. Para eles, "a linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida" (DELEUZE, GUATTARI, 1995,13); logo, seria possível imaginar um conjunto de processos de *estratificações* – econômicos, sociais, culturais, de gênero, micro ou macropolíticos – que não só fossem capazes de descrever os modos como circunstancialmente a linguagem dá ordens à vida quanto identificar linhas de fuga que ensejam outras semióticas, semióticas críticas.

Com isto, não estamos identificando um rompimento de Deleuze e Guattari com o pensamento de Hjelmslev. Ao contrário: percebemos ali sua radicalização. O linguista dinamarquês avança em relação a Saussure ao perceber a complexidade dos *planos de expressão* e de *conteúdo*, enquanto o primeiro os concebia respectivamente como *significante*

e *significado*. Mais importante que isto, contudo, é que Hjelmslev, ainda que fique restrito à linguagem, com o seu projeto de *estratificação*, dá a ver todas as sutilezas dos processos de diferenciação tão caros a Deleuze e Guattari. É exatamente esta complexidade associada a uma dinâmica de diferenciação explicitada em termos claramente espinosistas que chama a atenção dos filósofos franceses.

O desafio de uma Semiótica Crítica passa a ser, então, o de formalizar (primeiro desafio da Comunicação anteriormente referido) e modelizar (segundo desafio) como *máquina abstrata* essas diferentes matérias-mundo de ordens econômicas, sociais, culturais, macro e micropolíticas; enfim, formalizar/modelizar multiplicidades para que se compreendam os processos semióticos a que Deleuze denomina, inspirado por Bergson, de atualização. Atualizar é dar forma às virtualidades do mundo, modelizá-las.

Cada atualização – sempre territorial - comporta duas perspectivas temporais: uma sincrônica, dos *agenciamentos coletivos de enunciação* e *maquínicas do desejo*, e outra diacrônica, dos processos de *desterritorialização* e de *reterritorialização*. Na perspectiva sincrônica dos *agenciamentos*, o desafio é traçar as regras que colocam em relação os dois *planos*, porque para cada *agenciamento coletivo de enunciação* há um outro *maquínico do desejo* que lhe corresponde solidariamente. Estamos sempre nesta bifurcação tão bem proposta anteriormente por Hjelmslev. Com a diferença que, em Hjelmslev, a bifurcação era linguística e, em Deleuze e Guattari, semiótica (nos termos da Semiótica Crítica aqui estabelecidos).

A atualização que advém da relação entre os *agenciamentos*, em Deleuze e Guattari, é sempre tensa, resultado de uma disputa política, não de uma macropolítica institucionalizada, mas de uma micropolítica vital, de uma biopolítica, cuja finalidade é constituir formas éticas favoráveis à vida.

Percebem-se, aqui, os deslocamentos operados por Deleuze em relação ao pensamento de Hjelmslev, mas também uma espécie de continuidade. A chave para a compreensão desta continuidade é o projeto de *estratificação* empreendido por Hjelmslev em termos de linguagem e levado a outras semióticas por Deleuze e, especialmente, por Guattari em *Líneas de fuga: por outro mundo de posibles* (GUATTARI, 2013).

O principal deslocamento – talvez a mais radical discordância – esteja na compreensão da *língua* como um sistema geral e abstrato. Deleuze e Guattari não admitem ser a descrição da *língua* a mais abstrata das tarefas de um investigador. Para eles, a *língua* – situada no universo dos possíveis – apenas é capaz de descrever regras formais. As regras da

criação - responsáveis ontologicamente tanto pela invenção dos signos e dos textos quanto da própria *língua* - escapam à Linguística. Para o estudo delas, seria preciso compreender algo ainda mais abstrato a que chamam *máquina abstrata*.

A *máquina abstrata* não precede os textos, tampouco pode ser descrita fora dos *agenciamentos* que a enformam. Há aqui em Deleuze e Guattari uma radical aderência ao Pragmatismo, a que denominaram Esquizoanálise e a que nós denominamos Semiótica Crítica. Para eles, o desafio de uma *máquina abstrata* não é o mesmo de uma *língua*, o seu desafio está em traçar diagramas de *agenciamentos* implicados em cada relação [comunicativa]. A *máquina* é imanente aos atos. Não é uma metalinguagem, é um diagrama de forças, instável, responsável tanto pela produção de textos (atualizados) quanto pela produção das regras que os atualizam.

Se no eixo sincrônico encontramos relações tensas entre *agenciamentos coletivos de enunciação* e *maquímicos do desejo*; é no eixo diacrônico que, com maior clareza, podemos identificar as formas *territorializadas* dessas tensões a partir dos processos de *desterritorialização* e de *reterritorialização* ali implicados.

Desterritorializar implica rachar um *agenciamento* solidariamente constituído entre *planos de expressão* e de *conteúdo*, entre *agenciamentos de enunciação* e de *desejo*. É aqui que tornam-se pertinentes (1) os processos de *estratificação*, que, como já explicamos, vão de uma matéria-mundo a uma *forma de conteúdo*, e de uma *materialidade* a uma forma de expressão atualizáveis em relação solidária como signo a partir de uma dada função semiótica; e (2) os processos tradutórios que dão forma sistêmica às culturas produzidas em/por diferentes semiosferas. A *desterritorialização* é o próprio movimento em devir de geração de culturas.

Reterritorializar implica a função semiótica de pôr em relação solidária os *planos de expressão* e de *conteúdo*, de atualizar *agenciamentos coletivos de enunciação* e *maquímicos do desejo* em um dado regime de signo. A *reterritorialização* nos permite perceber o caráter transitório e histórico tanto da formação de culturas, como das regras linguísticas. É por esta razão que Deleuze e Guattari contestam a universalidade dos postulados linguísticos. Tais postulados só têm relevância, segundo os autores, em uma dada circunstância em que certo regime de signos impera. Compreender a transitoriedade desses regimes, perceber que universalidade dos postulados linguísticos é mais efeito que condição é uma das funções da Semiótica Crítica. Para a Semiótica Crítica, a linguagem é antes caso de política que de linguística.

Tal perspectiva diacrônica nos permite observar, na esteira foucaultiana (1995), diferentes regimes do *visível* e do *enunciável* (DELEUZE, 1988). É possível, por exemplo, perceber que não há necessariamente correspondência sincrônica entre o que se diz e o que se vê, embora, no tempo, se possam perceber procedimentos (políticos) que tendam a fazer com que as diferenças se conformem umas em relação às outras, produzindo uma espécie de estabilidade. Esta estabilidade nada mais é que um pico de *territorialização*, em que as forças mais conservadoras atuam a despeito de todas as ações micropolíticas que a elas subjazem. Os exemplos trazidos por Foucault a respeito da loucura, das prisões e da sexualidade evidenciam com muita clareza tais aspectos e tais idiosincrasias.

É sob tal perspectiva de uma Semiótica Crítica que a Comunicação pode ser estudada (1) processualmente como *estratificação*, não apenas de linguagens, (2) estruturalmente como função semiótica que coloca em relação sempre, pelo menos, dois *funtivos* (*de expressão e de conteúdo; de enunciação e de desejo*); (3) historicamente em suas rupturas *desterritorializantes* e em seus acordos *reterritorializantes*; e (4) culturalmente a partir de seus processos tradutórios e dos meios que, uma vez criados, criam sempre novas ambiências.

A dimensão epistemológica da semiosfera

Se, conforme apontamos anteriormente, os processos comunicativos são, essencialmente, *formas* que atualizam as virtualidades do mundo, logo, cumpre questionar: como se dá a operacionalização dos mecanismos que conferem materialidade à linguagem, pelos quais, ela “dá ordens à vida”, tal como enfatiza Deleuze? Tendo em vista aquilo que entendemos ser o *projeto semiótico*, esta questão torna-se central, uma vez que são esses mecanismos que permitem apreender a maneira pela qual a linguagem traduz as informações que estão no mundo, da mesma forma que elucida por que razão formas representativas não se limitam a ser um mero transporte de dados e sentidos. Para tal, nossa argumentação tomará como ponto de partida a perspectiva de estudo da cultura formulada pelos semioticistas da Escola de Tartú-Moscou, que teve em Iuri Lotman um dos seus principais representantes. Longe de ser aleatória, esta escolha se deve, essencialmente, a dois fatores.

Em primeiro lugar, para os semioticistas da Escola de Tartú-Moscou, a linguagem não se restringe a ser um mero canal de transmissão de significados, por meio do qual são estabelecidos os vínculos comunicativos. Antes de mais nada, cabe a ela “organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem” (LOTMAN, 2000, p. 171), conferindo

materialidade àquilo que entendemos por *cultura*. Isso pode ser entendido por meio da ação dos seus “dispositivos codificantes” (2000, p. 185), sendo a modelização o principal deles.

Para eles, toda linguagem é tanto um sistema de comunicação quanto um sistema modelizante (1978), de modo que essas duas funções encontram-se diretamente relacionadas. No âmbito do pensamento semiótico, modelizar implica lidar com modelos dinâmicos, constituídos a partir de um conjunto de invariáveis dentro de variáveis. Tais variáveis, por sua vez, devem ser entendidas pelos códigos constitutivos dos sistemas. Enquanto as invariáveis consistem no elemento comum compartilhado pelas variáveis, responsáveis por manter a ordenação do sistema e impedir a sua entropia, as variáveis são fruto das trocas estabelecidas entre diferentes esferas. Por meio deste movimento, os semioticistas da cultura enfatizam a impossibilidade de delinear uma regularidade que permita definir um padrão de funcionamento único para uma dada linguagem. Por esse motivo, no campo da modelização semiótica, os componentes de um sistema nunca são analisados isoladamente, pois o que se busca apreender é a interação que se estabelece entre eles, considerando inclusive as trocas com outras esferas, pelas quais se dá o processo tradutório das variáveis.

É justamente por causa da sua capacidade modelizante que a linguagem pode ser entendida como um dispositivo central da cultura, capaz de dar forma às virtualidades do mundo. Além do mais, como enfatiza Lotman, cada sistema e/ou linguagem possui uma forma de ordenação própria, o que permite apreender a heterogeneidade que distingue o espaço da cultura. Com isso, operacionaliza-se o processo de *estratificação* das linguagens, como, também, de todo o entorno relacionado a elas, cuja amplitude abarca diferentes esferas da sociedade e da cultura.

O segundo fator decorre do viés epistemológico que caracteriza o funcionamento do chamado *espaço semiótico* ou *semiosfera*, por meio do qual pode-se apreender a ação do dispositivo modelizante. Ao invés de estabelecer uma prescrição para o processo interpretativo, voltado para o resgate de um sentido posto, o funcionamento da *semiosfera* nos permite apreender as condições de possibilidade de edificação dos signos e, por consequência, de emergência dos sentidos. Disso decorre o seu viés eminentemente epistemológico: ao tomar como foco o devir dos signos na cultura, a *semiosfera* busca contextualizar tanto a dimensão ontológica que fundamenta o funcionamento da linguagem quanto as condições a serem consideradas no processo de edificação do saber sobre as formas representativas, da mesma forma que elucida por que esse saber é sempre parcial, em virtude do próprio movimento que distingue o objeto estudado.

A conceituação desenvolvida por Lotman tem como base a definição de biosfera, elaborada pelo cientista russo Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945). A biosfera (LOTMAN, 1996, p. 22) consiste numa película disposta sobre a superfície planetária que envolve todos os organismos vivos, responsável por transformar a energia solar em energia física e química, ambas direcionadas para a modificação da matéria viva do planeta.

Em analogia ao conceito desenvolvido por Vernadsky, Lotman (1996, p.22) define a *semiosfera* como um *continuum semiótico* ocupado pelos textos, linguagens e códigos dotados de individualidade semiótica e caracterizados pelas mais variadas formas de organização. Esse “gran sistema” (1996, p.24) funciona como um mecanismo único ou, ainda, constitui um *espaço semiótico* de relações, sem o qual, a comunicação e a reconfiguração sistêmica seriam inviáveis. Nesse caso, não é a soma das mensagens produzidas por diferentes sistemas que compõe *semiosfera*, mas é o movimento e a inter-relação entre diferentes tipos de formações sógnicas que constroem e qualificam o espaço semiótico, pois “Sólo dentro de tal espacio resultan posibles la realización de los procesos comunicativos y la producción de nueva de información (...) La semiosfera es el espacio semiótico fuera del cual es imposible la existencia misma de la semiosis” (LOTMAN, 1966, p. 23-24).

A *semiose* designa uma característica intrínseca às relações sógnicas, isto é, a possibilidade de geração de um signo por outro. Essa nova representação, segundo Charles Sanders Peirce, é denominada signo interpretante. Segundo a concepção triádica desenvolvida pelo autor, todo signo representa parcialmente algo distinto dele próprio, seu objeto; e determina um signo de igual valor ou mais desenvolvido, chamado de interpretante. Independente da existência de uma mente externa que o interprete, é da natureza lógica do signo a capacidade de gerar um outro signo, sendo essa produção ininterrupta de um pelo outro definida como *semiose* ou *ação do signo*. No campo mais amplo da cultura, é possível observar uma forma específica de *semiose*, em que as trocas operacionalizadas entre sistemas são codificadas pelos textos inseridos no espaço da *semiosfera* que, por sua vez, explicita esse *continuum semiótico* ou *semiose* incessante.

Aqui, é importante ressaltar que a *cultura* não pode ser entendida como uma totalidade abarcada pelo *espaço semiótico*. Para os semioticistas da Escola de Tártu, são os diferentes sistemas (teatro, cinema, folclore, música, religião, como, também, as mídias) que, em diálogo, produzem os textos culturais. Logo, a cultura deve ser entendida pela diversidade e pela singularidade dos seus sistemas modelizantes.

Essa breve síntese nos permite vislumbrar como tal abordagem coloca, de imediato, uma questão a ser considerada quando da análise de qualquer produto cultural: a necessidade de olhar para a sua materialidade constitutiva, livre de um *a priori*, na tentativa de apreender aquilo que se mostra da maneira mais imediata num determinado arranjo sógnico para, posteriormente, proceder a sua discriminação semiótica. Para tal, o mecanismo da *fronteira* torna-se essencial. Para Lotman, a *fronteira* distingue-se por uma ambivalência, pois ela tanto une quanto separa. Por meio dela, é possível apreender os processos tradutórios edificados entre diferentes sistemas, como, também, delinear aquilo que, efetivamente, foi colocado em relação. Ou seja: pela *fronteira* é possível proceder uma espécie de arqueologia de um texto cultural, não com o objetivo de chegar a sua origem constitutiva (o que, pela perspectiva da semiótica, seria inviável) ou mesmo desvelar o sentido que nele se encontra escondido, mas, sim, verificar, na sua materialidade, aquilo que foi colocado em relação e, por meio de inferências, buscar apreender os sentidos que aquela mensagem é capaz de incitar. Cumpre ressaltar ainda que, justamente por causa da ambivalência e por requerer o exercício diacrônico de análise, a *fronteira* consiste num mecanismo central para apreender os processos de *desterritorialização* e *reterritorialização*, relativos à ação exercida pela *máquina abstrata*.

Nota-se, assim, que são as relações que um texto estabelece com outros que, efetivamente, qualificam o *espaço semiótico*. Nesse processo, dois aspectos devem ser considerados. Primeiro, como a linguagem e os sentidos estão sempre em devir, logo, qualquer inferência é fruto de uma relação espaço-tempo única que, por sua vez, também não esgota as possibilidades expressivas de um determinado texto. Além do mais, não se pode desconsiderar que os processos tradutórios materializados num determinado arranjo sógnico também são dotados de uma comunicabilidade própria, ou seja, há algo passível de ser comunicado pelo texto que pode ser apreendido da sua própria heterogeneidade compositiva. Quanto a isso, não se pode negar a maneira pela qual determinadas tendências compositivas, identificadas num determinado período, podem, e muito, contribuir para a compreensão de um momento histórico específico. Dessa forma, os textos culturais passam a exercer o papel de um importante metatexto, uma vez que propiciam a construção da inteligibilidade (também parcial, é bom que se diga) de uma época.

Em segundo lugar, cabe ao sujeito colocar-se em relação às mensagens produzidas pelos sistemas também como um texto cultural, tal como aponta a dimensão pragmática da cultura definida por Lotman (1996, p.98). O aspecto pragmático diz respeito ao “trabajo del

texto”, na medida em que, para ser colocado em ação na cultura, algo externo precisa ser introduzido ou posto em relação com o texto. A singularidade da abordagem desenvolvida pelo semioticista da cultura decorre do entendimento do leitor como um dos elementos de fora que interage com o texto, a ponto de esse indivíduo ser também considerado outro texto. Essa dimensão textual do leitor rompe com a centralidade da ideia de um sujeito que deve atribuir sentido ao mundo para colocá-lo na condição de um signo que se insere (ao mesmo tempo em que também qualifica) num determinado espaço de relações. Com isso, seu modo de relacionar-se com os textos culturais está diretamente vinculado aos processos tradutórios presentificados na sincronidade de um determinado arranjo sígnico, e cuja apreensão não pode prescindir da delimitação da *fronteira semiótica*.

Dessa forma, no âmbito da perspectiva epistemológica de estudo dos signos colocada pelos semioticistas da Escola de Tártu, é possível apreender de que maneira a linguagem encontra-se num contínuo vir a ser. À medida que novos arranjos textuais são formados, novas virtualidades são atualizadas, contribuindo, assim, para a ampliação das relações que qualificam o *espaço semiótico*, cuja heterogeneidade diz muito sobre a própria cultura.

A comunicação vista pelo ponto de vista semiótico e os ambientes comunicacionais

Reconhecer as singularidades dos meios, das linguagens, dos códigos e textos culturais, suas transformações e, ao mesmo tempo, o diálogo entre todas elas, constitui um exercício semiótico vital para apreender o *continuum* da cultura e para repensar as possibilidades de interação entre Semiótica e Comunicação. Ao conceber a Comunicação pelas trocas estabelecidas entre sistemas em constante interação, a Semiótica pode conferir à Comunicação outra perspectiva analítica, em que

Substitui-se a comunicação pela relação comunicativa, a explicação pela interpretação, a descrição pela análise, o tema pela pergunta, a epistemologia modelar pela sagacidade do olhar científico produtor de conhecimento como coisa viva (FERRARA, 2003, p. 62).

Com isso, a Semiótica deixa de exercer a função de uma mera *technè* para se configurar numa forma de raciocínio que permite vislumbrar a diversidade, a heterogeneidade e, sobretudo, o movimento que processa o devir da cultura e da comunicação. Com isso, torna-se possível depreender o modo pelo qual a Comunicação pode ser entendida como um problema semiótico, tal como indica Machado (2002).

Para tal, torna-se imprescindível considerar a comunicação no seu contínuo vir a ser, nos efeitos pragmáticos que pode gerar nas mais variadas esferas da sociedade e da cultura. Cumpre ressaltar que a questão relativa aos efeitos não deve ser vista pela perspectiva causal e lógico-dedutiva que, há muito, tem orientado a pesquisa em diferentes áreas, a começar pela própria Comunicação, mas na perspectiva de uma Pragmática (ou Esquizoanálise, conforme referimos anteriormente). Como bem aponta Machado (2011, p. 126), no âmbito da produção científica, os efeitos também devem ser entendidos “do ponto de vista de suas reverberações de uns sobre os outros, de modo a criar um ambiente”, visto que “muitas das observações que realizamos de nossos objetos não cabem na descrição de estados finais, mas reinvidicam interpretação baseada em efeitos”, ou seja, na maneira como um fenômeno resvala em outro pela semiose. Tal como enfatiza Lotman, nesse cenário, a Comunicação deve ser entendida como um processo de “complicação progressiva” (1996, p. 67), em virtude do aumento da diversidade de vínculos que um texto é capaz de gerar, o que a torna cada vez mais heterogênea do ponto de vista semiótico.

No âmbito dos meios, um dos principais objetos de estudo do campo da Comunicação, esse processo coloca-se de forma ainda mais premente. Não há como pensá-los sem considerar o espaço de relações que eles constroem entre si e com outras esferas culturais. Aqui, meios são entendidos na sua dimensão essencialmente ambiental, tal como eles foram definidos pelo canadense Marshall McLuhan. Ao se constituir como o prolongamento de um determinado órgão sensorial, todo meio distende, igualmente, a cognição diretamente relacionada a um sentido. Por conseguinte, são os efeitos sociais, psíquicos e cognitivos gerados pela intromissão de uma nova tecnologia que caracterizam o ambiente relacionado a um meio, ao mesmo tempo em que definem a sua dimensão comunicativa.

Assim como na abordagem semiótica, quando do estudo dos meios como ambientes, o foco da análise passa a ser o(s) efeito(s) que, no caso das extensões, não podem ser dissociados das mudanças geradas no sensorio humano. Além de serem quase sempre imprevisíveis, tais efeitos tampouco são passíveis de controle. Conforme aponta Machado “exatamente porque os efeitos são processos em transformação, McLuhan entende que não se trata de nomear coisas, mas de compreender a operação distintiva qualificada do movimento” (2011, p. 127).

Quando surge, um meio não elimina seus antecessores, mas ressignifica-os, de modo que diferentes meios subsistem sincronicamente na cultura em constante interação. Por isso, segundo o autor, todo ambiente apenas torna-se perceptível pelo contraponto instituído pelo

seu contra-ambiente ou anti-meio. Um meio predecessor (ou mais de um) é sempre o *conteúdo* do novo meio, o que faz com o que os traços de um determinado ambiente sejam modificados por aquele que surge, da mesma forma que o novo tende a conferir outra função para aquele que já existe. Como McLuhan afirma (1973, p.198), a interação entre diferentes meios ocorre mediante complexos processos de transdução, pelos quais seria possível apreender uma espécie de movimento próprio da cultura, em decorrência de um *continuum* tradutório ininterrupto estabelecido entre diferentes ambiências.

Nota-se, assim, que o estudo dos meios também não pode prescindir da dimensão epistemológica que envolve a *semiosfera*. Aliás, é porque estabelece vínculos com outras esferas e, com isso, constrói um espaço de relações singular, que se pode depreender o que, efetivamente, define um meio. Inclusive, é com base nessa perspectiva que a célebre frase “o meio é a mensagem” (1993, p. 21), proferida por McLuhan, deve ser entendida. Apesar disso, aquilo que é veiculado num determinado meio, os vínculos que edificam sua ambiência elucidam, e muito, a própria comunicabilidade do meio.

É com base nessa perspectiva que se torna possível situar a abordagem semiótica dos meios, voltada não para elucidar os significados gerados pelas mensagens, mas, sim, para delinear as relações que os meios edificam entre si e com outras esferas culturais. Conforme aponta Machado, esta perspectiva de estudo que toma por base os efeitos permite apreender que

O efeito explicita sua condição multiplicadora: pode ser tanto efeito de sentido (do ponto de vista sensorial) quanto efeito de sentido (do ponto de vista intelectual). Afinal, em português a palavra sentido designa ambas acepções. O efeito pode ser, assim, entendido como capacidade cultural interpretativa que une percepção e cognição (2011, p. 125).

Tal capacidade que a Semiótica da Cultura tem de compreender as dinâmicas tradutórias dos processos comunicacionais evidencia sua relevância para que se tornem mais claros os processos de atualização das virtualidades do mundo, tal como indicados anteriormente na esteira do pensamento deleuzeano. Uma das contribuições deste artigo está, justamente, em propor a modelização dos meios como um problema a um tempo semiótico e comunicacional, que coloca em jogo (comunicativo) diferentes matérias em formação, não apenas as linguísticas.

Considerações

Com este artigo, procuramos retomar não o conjunto bastante plural das produções do Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação (GPSC) do Intercom ao longo desses vinte anos, mas aspectos da pesquisa semiótica (os processos de *estratificação* da linguagem e de modelização dos meios) que, articulados a outras perspectivas teóricas (a teoria dos meios de McLuhan e a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari), atualizam o pensamento semiótico e abrem outras perspectivas de diálogo entre Semiótica e Comunicação.

Conforme foi assinalado, como o papel da linguagem não se limita a ser um mero canal de transmissão para algo externo a ela, não há como reduzir a Semiótica a um método voltado para desvelar aquilo que se encontra escondido alhures. Assim, ao invés de considerar a linguagem como um suporte para o estabelecimento dos vínculos, sem os quais não há comunicação, toma-se por base a compreensão de que são as relações comunicativas entre diferentes sistemas, meios e ambiências que propiciam a ação do dispositivo modelizante e o vir a ser da linguagem. Isso requer o olhar atento para a materialidade do arranjo sógnico, na tentativa de discriminar os processos tradutórios pelos quais torna-se possível delinear o espaço semiótico de relações (ou *semiosfera*) que um texto é capaz de edificar.

Aqui, cumpre ressaltar: embora a *semiosfera* constitua o substrato epistemológico para a compreensão das relações comunicativas, ela apenas se mostra, de fato, no decurso da análise. Traçar, portanto os *diagramas* que compõem a *máquina abstrata* é o objetivo do projeto semiótico que defendemos aqui. É com base nesse diagrama dinâmico de efeitos que se pode vislumbrar a semiose que caracteriza as relações comunicativas. Esse raciocínio nos permite apreender por que, quando problematizada pelo ponto de vista semiótico, a Comunicação jamais pode ser entendida sob uma perspectiva identitária, visto que o exercício semiótico não permite afirmar o que é um dado fenômeno, ou ainda dizer qual é o seu significado, mas, sim, apontar os sentidos passíveis de serem suscitados pelos vínculos constitutivos do espaço semiótico de relações num determinado contexto.

Dessa forma, conceitos como *estratificação*, signo e linguagem, próprios do espaço semiótico, repensados à luz da filosofia da diferença, permitem reconhecer, para além do formal, a semiótica em perspectiva crítica e política. Por outro lado, ideias como de sistema, fronteira e modelização fornecem os parâmetros a partir dos quais é possível pensar os modos como os meios produzem ambientes cognitivos, capazes de atualizar virtualidades.

Uma ecologia das ambiências associada a uma Semiótica Crítica talvez caracterizem alguns dos desafios colocados à semiótica na contemporaneidade. De certa forma, nosso artigo procurou dar seguimento à proposta ecosófica de Félix Guattari (1990), que

preconizava, para além de uma ecologia do meio ambiente, uma ecologia econômica e uma ecologia dos processos de subjetivação, às quais acrescentaríamos uma ecologia das ideias cujos modos de processamento podem muito bem ser criticamente avaliados nos espaços relacionais da comunicação.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p.55-67.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **A Revolução Molecular: as pulsações do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix. **Líneas de fuga: por outro mundo de posibles**. Buenos Aires: Cactus, 2013.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LOTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

_____. **La Semiosfera I**. Semiótica de la Cultura e del Texto. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

_____. **La Semiosfera II**. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

_____. **La Semiosfera III**. Semiótica de las Artes y de la Cultura. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 2000.

MACHADO, Irene de Araújo. **Língua entre linguagens: a argumentação gráfica na comunicação da ciência**. 2011. 263f. Tese (Livre-Docência). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.